

DOSSIÊ JUVENTUDES CONTEMPORÂNEAS E EDUCAÇÃO – DIÁLOGOS POSSÍVEIS


Organizadoras:
Dra. Jeane Félix (UFPB)
Dra. Juliana Vargas (ULBRA)

As juventudes, na contemporaneidade, não mais restringem-se à uma palavra, a um estado de espírito e/ou uma temporalidade circunscrita pela materialidade biológica. Dessa forma, os múltiplos sentidos que as juventudes têm produzido não podem ser entendidos como um rol de características plenas e restritas para a descrição dos sujeitos entre o fim da infância e o início da idade adulta e de suas práticas.

Ser/estar jovem, a partir de determinados referenciais teóricos, corresponde a vivenciar uma condição juvenil, constituída por marcas históricas, em diferentes tempos e espaços, com vivências que se diferenciam entre distintos grupos sociais. A partir dessa premissa, podemos pensar que a condição juvenil corresponda, por exemplo, nos grandes centros urbanos, entre múltiplas características, à maleabilidade no uso das tecnologias de informação e comunicação. Os “nativos digitais”, sujeitos que se relacionam com as tecnologias de modo ímpar, constituem grupos de comunicação e ativismo em redes, ausentes na presença física, mas potentes na visibilidade de suas reivindicações. Independente de classe social, os/as jovens contemporâneos (a partir de seus celulares) articulam-se, produzem, fazem-se ver.

No entanto, em algumas dimensões, os/as jovens seguem sendo narrados/as e descritos/as a partir de uma série de atributos que lhes determina um único lugar para ser/ estar, para suas (im)possibilidades de presente e futuro. Desta forma, podemos pensar que muitos dos mesmos sujeitos que mobilizam seus pares nas mais diferentes pautas, são penalizados pela ausência de certezas em futuro imediato, sem avanços de políticas públicas que os/as encaminhem para a permanência e conclusão do Ensino Médio, bem como para o mercado de trabalho e/ou autonomia econômica.

Os/as jovens têm produzido e consumido cultura, nas escolas, nos parques, nas ruas, nas redes sociais. Relacionam-se afetivamente com seus pares ou em grupos, independente do gênero, exercendo a sexualidade, muitas vezes, sem as limitações (e definições) das gerações adultas. Ao mesmo tempo,



muitos/as jovens também restringem suas práticas de lazer e entretenimento às orientações, aos conselhos dos grupos religiosos que frequentam, ampliando o repertório das práticas relacionadas às culturas juvenis.


Os estudos apresentados neste dossiê analisam, de modo profícuo, diálogos entre juventudes e educação, tensionando o encontro entre essas dimensões. Logo, as análises aqui apresentadas problematizam os efeitos das práticas de/em educação produzidas pelas políticas públicas, pelas instituições escolares, pelas relações entre gerações e pelas pedagogias culturais às juventudes contemporâneas.

Retomando estudos anteriores acerca de conceitos que (de)marcaram as juventudes contemporâneas nas últimas décadas, Carles Feixa e Lara Pires Weissböck Correio abrem o dossiê com o artigo **Da geração@ a geração blockchain: a juventude na era postdigital**. No artigo, o autor e a autora problematizam, principalmente a partir das relações das juventudes com os meios e produções digitais, distintas conceituações associadas a essa categoria e ainda, os sentidos múltiplos vivenciados pela geração pós-digital ou web 3.0.

Em movimento de retomada semelhante, Aline Gonçalves Ferreira e Shirlei Rezende Sales analisam descrições sobre relação dos/as jovens com as tecnologias digitais e com ciberespaço. Em **"Nativos Digitais", "Geração Internet", "Homo Zappiens", "Ciborgue": juventude conectada às tecnologias digitais**, as autoras analisam um rol de teses e dissertações em busca de conceitos e caracterizações que delimitam as relações dos/as jovens com as tecnologias de informação e comunicação.

O estudo de *blogs* feministas, circulantes em uma determinada rede social, coloca-se como tema do texto **Redes sociais e feminismos: o campo discursivo de ativismo feminista juvenil no Tumblr**, produzido por Quesia Silva do Carmo e Edvaldo Souza Couto. A partir de metodologias qualitativas, a autora e o autor analisam a produção de um feminismo interseccional, na cibercultura, fomentando por jovens da chamada "Geração Y".

Encerrando as análises das relações entre juventudes e ciberespaço, Maria Graciela Rodríguez problematiza a prática esportes eletrônicos circulantes em plataformas virtuais no artigo **Subsuelos virtuales. O el desafío al adultocentrismo de una modalidad emergente de lo masivo: los e-sports**. Nos tempos atuais, os esportes eletrônicos desconhecem fronteiras geográficas e popularizam-se entre milhares de jovens, mobilizando o aumento do número de praticantes/usuários e, por conseguinte, seu consumo.



Tensionando as categorias como gênero, identidade e juventude, os autores Neilton dos Reis, Leandro Leal e Roney Polato de Castro apresentam o artigo **“Tanto o feminino quanto o masculino pra mim parece de boas”: pensar (re)invenções no enlace entre gênero, identidades e juventudes**. A partir de narrativas de jovens, os autores analisam experiências acerca da não-binaridade de gênero e outros sentidos de existências (re)inventados pelos/as jovens, na constituição de suas relações de amizade e afeto.

No sexto artigo que compõe o dossiê, as autoras Daniela Medeiros de Azevedo Prates e Elisabete Maria Garbin propõem-se a analisar, na interface entre os Estudos Culturais em Educação, os estudos sociológicos e antropológicos sobre juventudes e a religião, a constituição de culturas juvenis assembleianas. Assim, no artigo **Culturas juvenis assembleianas: sociabilidades, lazeres e afetividades**, as autoras analisam tensões/produções nos modos de pertencimentos de jovens às discursividades religiosas e às práticas relacionadas ao mundo juvenil.

Já Silvia Elizalde e Guillermo Romero exploram a ritualização de jovens ao fim da escola secundária na em La Plata (Argentina) no artigo **Cuerpos, emocionalidad y sentidos disruptivos en rituales juveniles de celebración escolar**. Nessa investigação, a autora e o autor focalizam o tensionamento entre a estrutura da rotina escolar e as produções dos/as jovens fomentadas pelo término da referida etapa da escolarização.

No artigo **Entre as frestas da grade e o barulho do cadeado: a educação como horizonte de garantia de direitos**, as autoras Catarina de Almeida Santos e Ingrid Louize Nascimento dos Santos apresentam, por meio de pesquisa bibliográfica, documental e de entrevistas, os desafios e lacunas da implementação da política socioeducativa, em uma Unidade de Internação para jovens em processo de cumprimento de medidas socioeducativas do Distrito Federal. Suas análises destacam distorções entre as ações descritas nos Documentos Oficiais e aquelas que acontecem no cotidiano da referida unidade.

A análise dos efeitos da participação da juventude na elaboração do Plano Estadual de Educação do Rio de Janeiro é a pauta do artigo **Juventude e participação: o PEE/RJ como efeito da prática da política democrática**, de Daniela Patti do Amaral e Marcela Moraes de Castro. Segundo as autoras, a participação das juventudes nos movimentos de ocupação de escolas estaduais no Rio de Janeiro (RJ), em 2016, proporcionou a reestruturação da pauta

política sobre a educação local, porém não reverberou, até o momento, na textualidade da minuta do referido plano.



No artigo **A Produção do Ensino Médio como um direito fundamental dos jovens brasileiros a partir das problematizações da juventude**, Marcos Vinicius da Silva Goulart e Clarice Salet Traversini analisam o modo como, desde da década de 2000, as problematizações da juventude constituíram o Ensino Médio como direito fundamental dos e das jovens brasileiros/as e ainda, uma visão específica sobre da juventude. Para tanto, o autor e a autora valem-se do referencial foucaultiano e de análise documental.

As (im)possibilidades dos/as jovens em seus processos de escolarização são o tema do artigo de Wesley Fernando de Andrade Hilário e Rosemeire de Lourdes Monteiro Ziliani, **Experiências da escolarização das juventudes no documentário Nunca me Sonharam**. A partir das narrativas de personagens da obra audiovisual, o autor e a autora analisam a experiência de escolarização de estudantes do Ensino Médio público brasileiro e seus descompassos com suas próprias expectativas sobre a referida etapa de escolarização.

Por fim, Roberta Aparecida Uceda e Viviane Klaus encerram o dossiê com o artigo **Estudantes de Ensino Médio e processos de escolarização: sobre a potência e os desafios da escola na contemporaneidade**. Neste artigo, as autoras retomam resultados de uma pesquisa realizada com jovens da referida etapa de ensino, estudantes de uma escola privada do Estado do Paraná (PR), que buscou compreender de que modo os/as jovens se relacionam com o conhecimento e com os processos de ensino e de aprendizagem no contexto contemporâneo.

Esperamos que os textos aqui reunidos sejam profícuos para o fomento de outras formas de ver, perceber, narrar e analisar as juventudes contemporâneas, em interface com as mais distintas dimensões, compreendendo a pluralidade de formas de ser/estar na juventude experimentadas pelos/as jovens como narrativas de nosso tempo. Assim, os/as convidamos para a leitura!